



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Logoterapia, religiosidade e busca de transcendência na adolescência

Logotherapy, religiosity and the search for transcendence in adolescence

Vicente Gregório de Sousa Filho*

Doutorando em Teologia (EST)
Bolsista CAPES

Resumo

Ao longo do artigo, a investigação, partindo do postulado primário da Logoterapia, que aponta para a vontade de sentido, apresentará o contexto de surgimento da terceira força em psicologia, no sofrimento dos campos de concentração, para explicitar que a busca de sentido essencial ao adolescente é responder para si mesmo e pra sociedade quem ele é e qual sua missão no mundo e de que forma encontra significado para sua existência na relação consigo mesmo, com os outros e com Deus. É intenção desta pesquisa demonstrar que a transcendência e a espiritualidade são dados constituintes da pessoa e mesmo em situações de crise e privações é possível seu aprimoramento.

Palavras-chave

Logoterapia. Transcendência. Adolescência.

Abstract

In the article, the investigation, from the very primary postulate of the logotherapy which points out to the wish for meaning, will examine the context of the third force in psychology, the suffering in concentration camps in order to explain that the search of essential meaning of an adolescent is to answer to himself and to the society about who he is and what his mission is in this world, and in what ways he finds meaning to his existence in his relation with himself, with others and with God. The purpose of this research is to demonstrate that the transcendence and spirituality are intrinsic and even in situations of crisis and depravation, it is possible to succeed.

Keywords

Logotherapy. Transcendence. Adolescence

* Bacharel, mestre e doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Bolsista Capes. Coordenador do Curso de Bacharelado em Teologia da UFPI. Contato: vicente6@bol.com.br

Considerações Iniciais

Em meados do século XX, Viktor Frankl, psiquiatra e psicólogo austríaco, criou o que posteriormente seria chamada a terceira força em psicologia, ou seja, a Logoterapia, justamente para divergir das outras escolas existentes, quais sejam, a psicanálise freudiana, centrada na libido, no prazer e nas preocupações sexuais, e a escola de Adolf Adler, que privilegiava a vontade de poder como superação do complexo de inferioridade presente no ser humano.¹ Muito embora essas escolas previamente citadas tenham feito parte da formação teórica de Frankl, o que o pai da Logoterapia tentou fazer foi mostrar o quanto há no ser humano de vontade de transcender e aceitar, quando possível, os próprios limites.

O que Viktor Frankl chamou de Logoterapia é a busca de sentido para a própria existência, por mais que esta esteja ameaçada ou até aparentemente fracassada. No entendimento de Frandoloso, a Logoterapia é uma escola de psicologia com muita amplitude e aplicação em função de destinar-se a pessoas sadias e doentes.²

Logoterapia enquanto resposta ao sentido da existência

Falar em Logoterapia é discorrer sobre a existência de alguém que esteve como médico e como prisioneiro comum nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Neste sentido,

[...] era o nascimento da Logoterapia. Uma modalidade de tratamento que buscava resgatar, da intimidade da alma dos prisioneiros, o sentido da vida, o interesse por alguma tarefa interrompida, à espera de realização após o fim do martírio, ainda que fosse simplesmente procurar familiares em alguma parte do mundo.³

Em meio aos sofrimentos de um ambiente de guerra e de campos de concentração, Viktor Frankl quis se colocar ao lado dos companheiros sofridos, repletos de perdas físicas e espirituais e, como se não bastasse, ainda quis dar sentido ao que ele viria a chamar de existência desnuda, tentando escrever seus livros que seriam a base de sua escola psicológica.

Enquanto ainda esperamos pelo chuva, experimentamos integralmente a nudez: agora nada mais temos senão esse nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua. Que

¹ SILVA, Joilson P.; DAMÁSIO, Bruno F.; MELO, Suéllen A. O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 12, n. 1, 2009.

² FRANDOLOSO, Francielle. *Dependência química: uma abordagem logoterapêutica*, Monografia (Graduação em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Vale do Itajaí, Itajaí, 2008. p.19.

³ GOMES, José C. V. *Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 21.

restou em comum com nossa vida de antes? Para mim, por exemplo, ficaram os óculos e o cinto; este, entretanto, teria que ser dado em troca de um pedaço de pão, mais tarde.⁴

O livro *Um psicólogo no campo de concentração* pretende ser uma descrição da liberdade de prisioneiros em situações limítrofes da existência.⁵ Portanto, os questionamentos ali postos não são de caráter conceitual, mas são perguntas existenciais de enfrentamento da fragilidade e do despojamento da própria existência, em um ambiente hostil e deprimente.

O *experimentum crucis* de seus ensinamentos foram para Frankl os três anos que passou em quatro campos de concentração, entre os quais o de Auschwitz. [...] Esses anos lhe mostraram com toda nitidez que perde a sua humanidade o homem que perde o sentido da vida. De modo idêntico constata ele que nenhuma vida humana necessariamente perderá o seu sentido, sejam quais forem as circunstâncias, sequer em Auschwitz.⁶

Assim, este livro assume um aspecto testemunhal, posto que os prisioneiros, diante do contexto dos campos de concentração, poderiam fazer deste acontecimento apenas uma condição, enquanto outros poderiam assumir esta realidade como oportunidade de conquista interior.

Na visão de Langle, a pessoa, quando se encontra em situações que exigem decisões, deverá assumir inicialmente o seguinte princípio básico: este problema é algo que pode ser mudado ou se configura como algo irremediável? No primeiro caso, se há possibilidade de mudança, a pessoa deverá se empenhar para transformação; e quando não temos forças para mudar alguma situação, que nos deixemos transformar por ela.⁷ Às vezes, sofremos porque queremos mudar as situações e as pessoas. Todavia, quando modificamos nossos pensamentos e atitudes em relação às pessoas e acontecimentos, por vezes, a vida se torna mais leve.

O homem pode dar sentido à sua existência ao fazer algo, ao agir, ao criar algo - ao realizar uma obra; [...] ao vivenciar algo - amar a natureza, a arte, pessoas; e, terceiro finalmente o homem também consegue, lá onde não tem as possibilidades da primeira ou segunda direção, conferir valor à sua vida dando-lhe um sentido - a saber, exatamente na forma como toma posição diante do imutável, fatal, inescapável, inevitável limite de suas possibilidades, como ele se coloca e se comporta diante dele, como ele aceita seu destino.⁸

⁴ FRANKL, 2005, p. 25.

⁵ PETER, Ricardo. *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 74.

⁶ BOSCHEMEYER, U. Fundamentos, diretrizes e métodos de trabalho na logoterapia. In: V.V.A.A. *Dar sentido a vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 37-38.

⁷ LANGLE, Alfred. *Viver com sentido: análise existencial aplicada*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 71.

⁸ FRANKL, Viktor E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus, 1990. p. 83.

Na perspectiva de Bretones, encontrar sentido para a vida significa ser capaz de decidir e tomar decisões.⁹ Dar sentido à existência é muito mais do que ficar olhando para as perdas. O importante é canalizar esforços para saber o que fazer com o pouco que nos restou. Pessoas há que não encontram forças para viver com sentido. Um olhar retrospectivo para um passado marcado por uma existência vazia de sentido deprime e paralisa os seres humanos. O importante é revestir o passado, o presente e o futuro com ações e decisões que direcionem os rumos da existência. Mesmo uma vida toda ela marcada por falta de sentido poderá ser bem aproveitada pelos atos corajosos daqueles que assim o decidirem, embora faltando um só dia para o ocaso da existência. Para ilustrar este pensamento, transcrevemos a seguinte passagem do próprio Viktor Frankl baseada na novela *A morte de Ivan Ilyich*, de Leon Tolstoy:

A história de um homem que aos sessenta anos veio a saber que deveria morrer dentro de dois dias. Mas por uma intuição ele percebe, não apenas ao confrontar a morte, mas ao dar-se conta que havia desperdiçado a vida, que sua existência fora praticamente sem sentido – por esta intuição ele se eleva acima de si mesmo, cresce para além de si e assim finalmente é capaz de retroativamente encher a própria vida com um sentido infinito.¹⁰

De acordo com Xausa, por haver ameaças constantes de morte nos campos de concentração, era comum os atormentados prisioneiros nutrirem pensamentos e práticas suicidas, atirando-se contra a cerca elétrica.¹¹ Todavia, o prisioneiro 119.104, Viktor Frankl, fiel aos seus propósitos e convicções, ao alimentar dentro de si um amor à vida, assumiu para si próprio o compromisso de seguir vivo em busca de sentido para sua existência desnuda. Apesar das condições indignas de sobrevivência, o que se pretendia era fixar um olhar para o futuro, alimentar esperanças de superação, encontrar propósitos para continuar vivendo; quando não se lograva tais requisitos, a vida realmente se revestia de tédio, sem brilho e sem cores, o que resultaria quase sempre em suicídio.

Segundo o pensamento de Langle, dar sentido à vida significa mobilizar a inteligência, as emoções e ações com vistas a engajar-se em cada situação concreta da existência, assumindo uma causa, uma proposta de cada hora, de modo que não sejamos esmagados pelos próprios acontecimentos.¹² Isso significa, na visão do autor, dar forma a cada situação. Tal atitude poderá ser inferida a partir de atividades simples, porém significativas, de fazer planos, comemorar as vitórias, assumir novas ideias, ocupar-se com as tarefas imediatas, viver sempre com um “para quê”. Em poucas palavras, é assumir um programa para cada ação humana, sem jamais viver à toa.

⁹ BRETONES, Francisco. *A logoterapia é óbvia: experiências logoterapêuticas com o homem comum*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 21.

¹⁰ FRANKL, Viktor E. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 15. ed. Aparecida: Idéias e Letras, 2005. p. 84.

¹¹ XAUSA, Izar A. M. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 1986a. p. 32.

¹² LANGLE, 1992, p. 13-14.

O ser humano é um ser capaz de buscar e encontrar sentido para sua existência. Talvez seja o único capaz disso. Não se trata de inventar sentido, mas de encontrá-lo por mais que este esteja obscuro. Na realidade,

[...] não é o ser humano quem faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas ao contrário, o próprio ser humano é o interrogado, é ele que deve responder, que deve dar respostas às eventuais perguntas que sua vida possa lhe colocar. [...] Essas respostas são dadas pela responsabilidade assumida pela nossa existência, em cada situação. Na verdade, a existência só pode ser “nossa” se for responsável.¹³

Gomes narra um acontecimento do Campo de Concentração de Auschwitz, no qual uma enfermeira, passeando por entre fileiras de cadáveres mal-cheirosos, repentinamente percebe o movimento de um corpo.¹⁴ Nota aos poucos que se tratava de uma adolescente de 15 anos. A enfermeira questiona o que aquela garota fazia em um ambiente tão aviltante. A adolescente responde que era muito difícil viver entre os vivos e estava ali pensando ser mais confortável viver entre os mortos. A atitude desta adolescente nos ensina que cada um de nós além de viver precisa se tornar responsável pela própria existência, posto que sendo livre, o ser humano estará sempre em condições de fazer escolhas as mais diversas, embora aparentemente exóticas para preencher de sentido sua existência. Em contrapartida, Frankl detalha a forma como um jovem assume a notícia de que estaria com um tumor maligno e inoperável no alto da medula espinhal.¹⁵ De vida ativa e de futuro promissor como excelente gráfico de propaganda, aos poucos a doença foi paralisando-o. No hospital, passou a fazer leituras que antes não fazia. Ouvia músicas ao rádio e nutria conversas interessantes com outros pacientes. Em outras palavras, este jovem, embora sabendo que a morte seria iminente, não fugiu desta realidade; mas ao contrário, viveu com intensidade de sentido o pouco tempo de vida que lhe restara. Aos poucos, ficou sem condições de falar, de segurar livros e até mesmo de ouvir músicas, em função das incomensuráveis dores que lhe atormentavam. Sabendo que poderia solicitar uma injeção de morfina antes de vir a morrer, a fim de ter seu sofrimento minimizado, ao perceber que Dr. Frankl passava na enfermaria, acenou para ele. O intuito era solicitar o lenitivo naquele momento para que não pudesse incomodar ninguém à noite. Desta forma, nos últimos suspiros de sua existência, o sentido da vida para aquele jovem, cuja vida aproximava-se de seu ocaso, era antes evitar incômodo aos outros do que pensar no seu próprio conforto. O que ele de longe queria era atrapalhar o sono das enfermeiras e do médico.

¹³ FRANKL, 2009, p. 13.

¹⁴ GOMES, José C. V. *A prática da psicoterapia existencial*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 43.

¹⁵ FRANKL, 1990, p. 84

O fato anteriormente citado elucidava-nos que a atitude assumida por aquele jovem também poderia ter outro desfecho, como por exemplo, a fuga alienante nas drogas, a depressão ou até mesmo o desespero ou o suicídio. Todavia,

[...] se no sofrimento puder ser visto um sentido, a dor poderá ser suportada, e torna-se mínimo o perigo de uma fuga para a droga, a fim de não ter que enfrentar a realidade. Por isso, podemos dizer em resumo: quem encontrar um sentido na vida – e esta pode ser boa ou não – não se interessa por efeitos ilusórios. [...] Interessa-se pelo que é genuíno, pelos valores autênticos, pelas perdas autênticas; enfrenta a vida como ela é, não apenas como se reflete nas próprias frustrações, de que tenta livrar-se de qualquer maneira.¹⁶

Em outras palavras, podemos dizer que responder ao sentido da vida é uma missão que não podemos delegar ou transferir aos outros. Tal missão é algo único e pessoal. Deixar de assumir o caminho da busca de sentido é fugir da responsabilidade de construir um mundo melhor e a recusa ou omissão em fazer algo que não podemos passar aos outros é uma forma de prejudicar a si próprio e ao universo, uma vez que a vida, sendo única, em hipótese alguma poderá ser continuada ou vivida por outrem.

A busca da transcendência na adolescência

Na visão de Frankl, a logoterapia mais do que ocupar-se com a dimensão noética ou espiritual do ser humano, deverá, por sua vez, liberar as potencialidades espirituais que muitas vezes são ignoradas ou mesmo reprimidas na sociedade.¹⁷ A partir de Sigmund Freud, iniciamos uma corrida de opiniões divergentes no que tange à religiosidade. O pai da psicanálise considera enferma qualquer pessoa que venha a ocupar-se e preocupar-se com questões religiosas. O próprio Einstein chega a afirmar que, à medida que o ser humano se pergunta pelo sentido da existência, já está sendo religioso. Na mesma direção, Maslow chega a afirmar que patológica seria a personalidade que manifestasse indiferentismo face às buscas religiosas.¹⁸

Contrastando com o pensamento de Freud ao escrever *O futuro de uma ilusão* para postular que a religião é a neurose obsessiva e universal da humanidade, podemos entender o pensamento que valoriza sobremaneira a fé e a prática da crença como busca do sentido último da existência:

Crer é mais do que “construir ilusões”, é mais do que ter “fé cega em Deus”, é mais do que simplesmente “nada saber”; – tudo isso não basta. Crer significa, ao contrário, “estar em paz consigo próprio”, significa

¹⁶ LUKAS, Elisabeth. *Mentalização e saúde: a arte de viver e logoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 60.

¹⁷ FRANKL, Viktor E. *El hombre doliente: fundamentos antropológicos da Logoterapia*. Barcelona: Herder, 1987. p. 211.

¹⁸ FABRY, 1984, p. 183.

muitas vezes “unir corpo e espírito”, significa simplesmente saber o seguinte: – tudo tem seu sentido.¹⁹

Gomes salienta que muitas funções antes desempenhadas pelos sacerdotes e pastores, no que diz respeito às questões de ordem espiritual, foram transferidas para os psicólogos e psiquiatras, de modo que os médicos passaram a cuidar não apenas da dimensão somática do ser humano, mas também de sua parte espiritual.

Segundo Kierkegaard, “os sacerdotes deixaram de ser curas de almas, e os médicos começaram a reservar para si esta nova função”. Assim, muito embora os médicos não estejam buscando acumular funções, é necessário admitir que os pacientes procuram e a situação induz à realização das chamadas “curas médicas das almas”.²⁰

Em parte, diríamos que isso se deu em função da ditadura do positivismo como condição exclusiva de supervalorização da realidade objetiva e também em função da análise rasteira que Sigmund Freud realiza do aspecto religioso no humano, vendo nela apenas uma alienação e fonte de repressão e enfermidade psicossomática. O meio acadêmico passou a minimizar o valor da religião e de seus ministros; possivelmente, os próprios líderes religiosos tenham se rendido a esta racionalização e tecnicismo do sagrado. Todavia, Freud mesmo, embora tenha sido genial em outras esferas de análise da personalidade humana, não conseguiu mergulhar na profundidade de uma experiência mística. Em outras palavras, a religião não pode ser vista apenas como entrave ao desenvolvimento, pois há muitos líderes religiosos, pessoas comuns e místicos, que viveram e vivem de uma forma sadia e plena consigo mesmos, com a sociedade e com Deus.

Vemos o povo brasileiro, que sofre muitas coisas, mas sempre crê que tudo vai melhorar. E nessa crença, vão superando muitos obstáculos, alegando que tudo isso é “força de Deus, de Nossa Senhora, de Padim Ciço”, entre outros. Elas encontram o sentido para a vida, e de maneira muito saudável, e isso é possível. Religião não é simplesmente o depósito das nossas patologias, como dizia Freud, ou o ópio do povo, como disse Marx. Infelizmente, há os charlatães e as igrejas financeiras que alienam e mantêm as doenças nas pessoas.²¹

Com vistas à conclusão deste exórdio sobre a busca de transcendência no ser humano, é digna de nota a explicação que o próprio Frankl faz do que ele nomeia de religiosidade inconsciente do ser humano, quando chama a atenção para o fato de que a natureza humana não é exclusivamente racional.²² Assim como Freud descobriu uma zona

¹⁹ LUKAS; EBERLE, 1993.

²⁰ GOMES, 1992, p. 46.

²¹ ANJOS, Ricardo B.; BALTAZAR, José A. As alterações do comportamento e o suporte para uma vida melhor através da crença religiosa. *Terra e cultura*, Londrina, ano XX, n. 39, 2004. p. 123.

²² FRANKL, 2009, p. 57-64.

obscura do psiquismo humano, agregando a ela as pulsões reprimidas do desejo, na mesma direção Frankl também acredita que o ser humano tem uma inclinação inconsciente para relacionar-se com Deus. No entanto, a vivência ou pertença a uma religião em particular não é algo impulsivo ou irracional. É, antes, uma atitude corajosa e responsável em busca de preencher o vazio existencial oriundo da falta de sentido da vida.²³ E o mais importante é que não apenas as repressões sexuais produzem neuroses, mas também a repressão da religiosidade torna-se responsável na produção de sujeitos neuróticos e espiritualmente enfermos.

A resistência do homem contemporâneo em abrir os olhos à realidade que transcende a nossa dimensão humana pode vir a provocar sentimentos de vazio, angústia e culpa. Para contrabalançar estes perigos de vazio existencial, a Logoterapia de maneira alguma “prescreve” religião: simplesmente assinala o fato de que a religião, em qualquer de suas formas - não pode ser descartada como um dos múltiplos meios pelos quais a humanidade conseguiu, e ainda pode conseguir, encontrar sentido.²⁴

Em consonância com a visão de Xausa, Frankl tem clareza quantos aos fins da Logoterapia e da Religião.²⁵ A primeira tem uma abrangência mais ampla no sentido de destinar-se aos crentes e não crentes; a religião ocupa-se com a salvação das almas. No entanto, não há necessidade de haver oposição entre ambas, podendo até mesmo haver complementação, posto que muitas vezes a religião reprimida poderá trazer sofrimento e neuroses às pessoas, bem como a Logoterapia poderá, por sua vez, auxiliar as pessoas para que liberem seu potencial religioso oculto e reprimido pela cultura a fim de que o sentido de sua existência possa emergir também pela religião.

Feitas estas colocações preliminares a respeito da repressão cultural da religiosidade que se tornara reprimida e oculta e Deus como uma presença ignorada, passaremos a discorrer sobre a busca do sentido da vida por meio da religiosidade a partir das experiências dos adolescentes.

João Paulo II, em discurso aos jovens em Caracas, postula que a abertura a Deus e a relação com ele não deve ser um acréscimo à natureza humana; pelo contrário, deve ser entendida como a primeira dimensão da identidade humana.²⁶ Também em discurso aos jovens de Bogotá, no ano de 1986, João Paulo II se preocupa em advertir os jovens contra os ídolos presentes no mundo atual, quais sejam: as riquezas, os prazeres, a ciência, a

²³ COELHO JÚNIOR, Achilles G.; MANFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001.

²⁴ FABRY, 1984, p. 216.

²⁵ XAUSA, Isar A. M. Psicologia, logoterapia e religião. *Cultura e fé*, Porto Alegre, v. 32, 1986b. p. 48.

²⁶ JOÃO PAULO II *apud* GRASSO, Emílio. *La vida es la realización de un sueño de juventud*. 2. ed. Asunción: Ediciones y Artes, 2008. p. 24.

tecnologia, a fama, o prestígio ou mesmo as utopias políticas.²⁷ O sumo pontífice lembrava ainda que somente Deus poderia saciar os corações dos jovens, e fora dele nada seria digno de adoração, porque nada é absoluto senão o próprio Deus.

Erich Fromm faz uma alusão ao fato de que na sociedade contemporânea existem modalidades de existência que podem estar atreladas ao ter ou ao ser.²⁸ E hoje diríamos que os jovens e adolescentes em parte estão aprisionados ao sistema neoliberal, manifestando uma grande avidez em consumir. Muitos pensam que só valem o que possuem ou o quanto conseguem consumir. Contudo, os jovens e adolescentes deverão estar abertos para uma outra modalidade da existência que implica buscar os valores da solidariedade, do amor e da liberdade. Isso significa que o sentido da existência não pode estar fora do ser humano, mas dentro dele próprio, aproveitando as potencialidades humanas e colocando-as a serviço dos outros.

Considerações finais

Embora haja muitos jovens que estão distantes das religiões, podemos constatar que hoje são muitos os que se agrupam em retiros espirituais e em reuniões periódicas, manifestando uma grande alegria na pertença a uma comunidade de fé. Eventos religiosos conseguem atrair multidões de jovens e adolescentes no mundo inteiro. Exemplo disso são os encontros mundiais que a Igreja Católica realiza a cada dois anos em países distintos, com a presença do Papa para dirigir-lhes uma palavra. Ainda que se pense que a Igreja tem uma mensagem dura e moralmente severa para os jovens e adolescentes, a busca pela palavra de Deus e os ensinamentos da Igreja permanecem constantes. Apesar das ilusões dos ídolos e dos prazeres da vida, os adolescentes vão aos poucos entendendo que

[...] nós humanos, e somente nós, somos seres em busca de um sentido. Mas só encontramos um sentido mais profundo da vida, ao abrirmos nossa vida a uma dimensão profunda, se em toda a nossa vida e experiência, em tudo o que fazemos e realizamos em primeira e última instância nos entregarmos a algo cuja fonte não somos nós mesmos. Só encontraremos um sentido que a tudo supera e abarca na vida se em meio a todo o trabalho, em meio a todas as experiências, com boas razões, colocarmos confiança nessa realidade oculta: uma confiança absolutamente racional naquele fundamento primeiro e último de todo sentido, capaz de nos sustentar, de nos impregnar, de nos conduzir e que chamamos pelo tão abusado e vilipendiado nome de Deus.²⁹

O anterior Papa, Bento XVI, quando esteve no Brasil, em maio de 2007, reuniu-se com os jovens e lhes dirigiu uma mensagem a partir da Parábola do Jovem Rico, a qual aponta para a reflexão a respeito do sentido da vida, mais precisamente a vida eterna. No

²⁷ JOÃO PAULO II *apud* GRASSO, 2008, p. 25.

²⁸ FROMM, Erich. *Del tener al ser*. Barcelona: Paidós, 2007.

²⁹ KÜNG *apud* LUKAS, 2006, p. 21.

entanto, o Sumo Pontífice corrige o entendimento de que a vida eterna em Cristo deve ser alienação da vida presente: antes deve configurar-se como um compromisso com a vida atual, posto que a vida em Deus marca profundamente a vida dos jovens e adolescentes ao ponto de eles terem um novo direcionamento, novas metas e atitudes. Em outras palavras, os que assim agem passam a dar sentido à própria existência.

Tendes uma pergunta crucial, referida no Evangelho, a Lhe fazer. É a mesma do jovem que veio correndo ao encontro com Jesus: o que fazer para alcançar a vida eterna? Gostaria de aprofundar convosco esta pergunta. Trata-se da vida. A vida que, em vós, é exuberante e bela. O que fazer dela? Como vivê-la plenamente? [...] A pergunta do Evangelho não contempla apenas o futuro. Não trata apenas de uma questão sobre o que acontecerá após a morte. Há, ao contrário, um compromisso com o presente, aqui e agora, que deve garantir autenticidade e conseqüentemente o futuro. Numa palavra, a pergunta questiona o sentido da vida. Pode por isso ser formulada assim: que devo fazer para que minha vida tenha sentido?³⁰

Frankl defende a ideia de que a religião é fator de elevada importância na caminhada em busca de sentido e, por esta razão, a pessoa irreligiosa ou que não se abriu a um TU, como instância que transcende a si próprio e à experiência, seria alguém estagnada ao longo do caminho, sendo incapaz de perguntar-se e sair em busca de respostas que estejam além de sua própria consciência.³¹ A partir desta percepção, torna-se relevante incentivar no interior das comunidades eclesiais o exercício da espiritualidade de modo que os adolescentes e jovens não estacionem nesta caminhada em busca de uma personalidade plena. A vida de oração, oficinas que priorizem o contato com a voz da consciência e capacitação para uma vida de oração profunda e autêntica devem estar na programação das comunidades religiosas, a fim de que estes objetivos possam ser alcançados.

Referências

ANJOS, Ricardo B.; BALTAZAR, José A. As alterações do comportamento e o suporte para uma vida melhor através da crença religiosa. *Terra e cultura*, Londrina, ano XX, n. 39, 2004.

BENTO XVI. *Mensagem do Papa aos jovens no Estádio do Pacaembu*. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/noticia.php?id=230492>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

BOSCHEMEYER, U. Fundamentos, diretrizes e métodos de trabalho na logoterapia. In: V.V.A.A. *Dar sentido a vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes, 1990.

³⁰ BENTO XVI. *Mensagem do Papa aos jovens no Estádio do Pacaembu*. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/noticia.php?id=230492>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

³¹ FRANKL, 2009.

BRETONES, Francisco. *A logoterapia é óbvia: experiências logoterapêuticas com o homem comum*. São Paulo: Paulinas, 1998..

COELHO JÚNIOR, Achilles G.; MANFOUD, Miguel. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001.

FABRY, Joseph B. *A busca do significado: Logoterapia e vida*. 4. ed. São Paulo: ECE, 1984.

FRANDOLOSO, Francielle. *Dependência química: uma abordagem logoterapêutica*, Monografia (Graduação em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Vale do Itajaí, Itajaí, 2008.

FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus, 1990.

_____. *El hombre doliente: fundamentos antropológicos da Logoterapia*. Barcelona: Herder, 1987.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo concentração*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 15. ed. Aparecida: Idéias e Letras, 2005.

FROMM, Erich. *Del tener al ser*. Barcelona: Paidós, 2007.

GOMES, José C. V. *A prática da psicoterapia existencial*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Logoterapia a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 1992.

LANGLE, Alfried. *Viver com sentido: análise existencial aplicada*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LUKAS, Elisabeth S.; EBERLE, Michael M. *Tudo tem seu sentido*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1993.

LUKAS, Elisabeth. *Assistência logoterapêutica*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Histórias que curam... porque dão sentido à vida*. Campinas: Verus, 2005.

_____. *Mentalização e saúde: a arte de viver e logoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1992.

_____. *Psicologia espiritual: fontes de uma vida plena de sentido*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006..

PETER, Ricardo. *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Joílson P.; DAMÁSIO, Bruno F.; MELO, Suéllen A. O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 12, n. 1, 2009.

XAUSA, Isar A. M. Psicologia, logoterapia e religião. *Cultura e fé*, Porto Alegre, v. 32, 1986b.

_____. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 1986a.

[Recebido em: dezembro 2013

Aceito em: abril de 2014]